



Câmara gira mais à direita

PL elege mais de 100 deputados e Centrão sai das urnas ainda forte. Qualquer que seja o presidente, Casa continuará dando as cartas

Vinícius Loures/Câmara dos Deputados



Nikolas foi reeleito com votação mais expressiva do que a anterior: dobrou o que conquistou há quatro anos

Mozart Gomes/Câmara dos Vereadores de São Paulo



Pavanato chega à Câmara dos Deputados com altíssima carga de votos. Obteve mais de 3 milhões em São Paulo

» MARIA BEATRIZ GIUSTI
» PEDRO JOSÉ BORGES

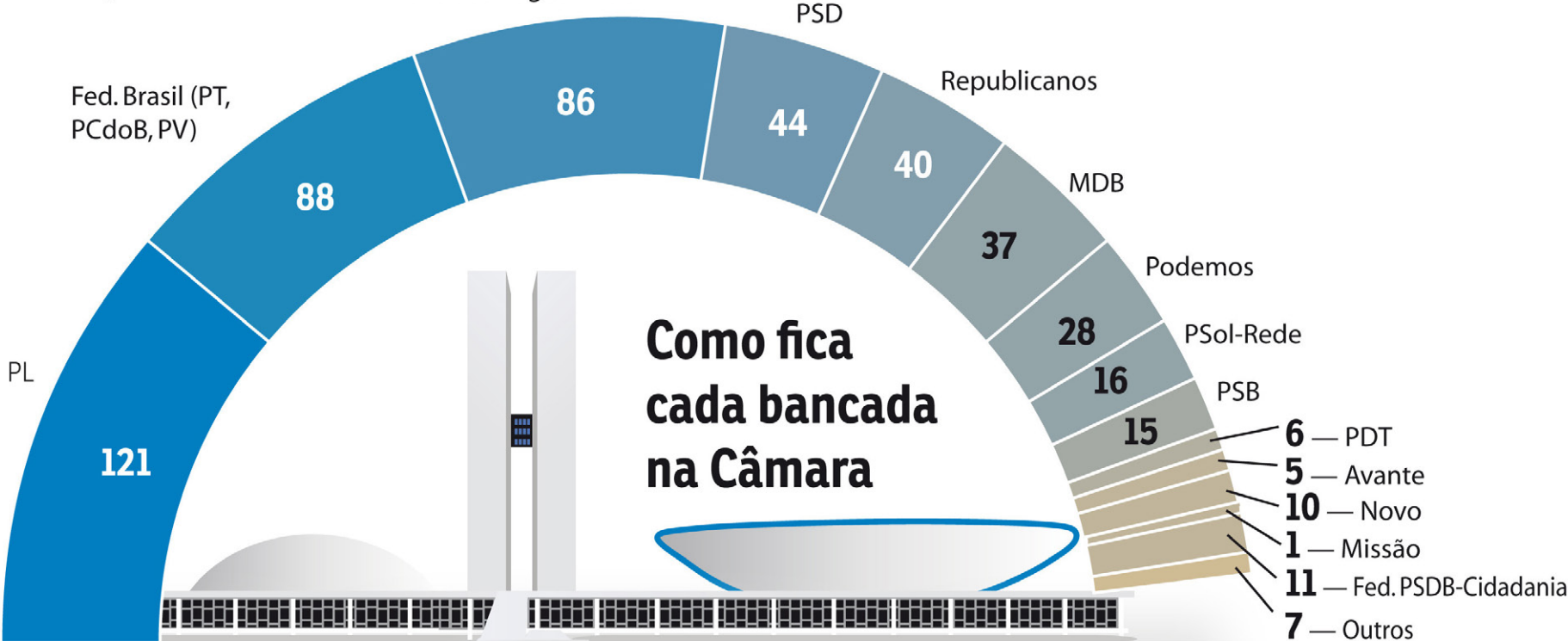
A nova composição da Câmara dos Deputados é um dos principais indicadores para medir a relação entre o Congresso e o próximo governo. Com o resultado das urnas de ontem, a direita e o Centrão ampliaram a força na Casa, que já era grande. Atualmente, o PL conta com 98 deputados e a projeção é de que esse número chegue a 121 na próxima legislatura. Já a federação União Progressista — que junta Progressistas e União Brasil, e é uma das principais forças do Centrão — deve eleger 86 deputados. Na eleição de 2022, quando as duas legendas estavam separadas, fizeram 106 parlamentares.

O que a federação, a princípio, perdeu, o PL ganhou. Caso o presidente Luiz Inácio Lula da Silva seja reeleito, a convivência continuará sendo tempestuosa, com muita negociação ponto a ponto e a boa vontade da Presidência da Casa em fazer uma ponte com o Palácio do Planalto. No caso de vitória do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), essa relação tende a ser menos complicada — sobretudo se ele seguir os passos do pai e deixar o Orçamento nas mãos dos deputados, a fim de que manejem emendas à vontade e permita ao Palácio do Planalto se envolver com questões ideológicas, que lhes são mais caras.

Nikolas Ferreira (PL-MG) e Lucas Pavanato (PL-SP) emergiram das urnas com as maiores votações da história para a Câmara dos Deputados. O deputado mineiro foi reeleito com mais de 3,1 milhões de votos, mais que o dobro da votação registrada há quatro anos, quando se tornou o deputado mais votado do país. Pavanato, por sua vez, foi eleito deputado federal por São Paulo com cerca de 3 milhões de votos. Em 2024, ele havia sido o vereador mais votado da história da cidade de São Paulo. Em comum, o histrionismo e uma atuação parlamentar voltada, sobretudo, para as redes sociais.

Na esquerda, também no maior colégio eleitoral do país, Erika Hilton (PSol-SP) tornou-se a mulher mais votada da história para a

513 Deputados



Fonte: TSE, Câmara dos Deputados

Renato Araújo/Câmara dos Deputados



Entre as deputadas mulheres, Érika foi a mais bem votada da história: cerca de 1,6 milhão de votos

Câmara dos Deputados, com aproximadamente 1,6 milhão de votos. A votação expressiva dos três candidatos reforçou a presença das redes sociais nas disputas eleitorais e

o peso que a atuação no ambiente digital pode ter na formação da composição da Câmara.

Com a previsão de uma Casa majoritariamente de direita,

matérias como o PL da Misoginia e a PEC que reduz a maioria penal devem ganhar espaço na pauta legislativa no próximo ano. Ambas são de interesse do bolsonarismo

— a primeira, para derrubar; a segunda, para aprovar.

Dificuldades

Após ser aprovado no Senado, o Projeto de Lei 896/23, conhecido como o PL da Misoginia, enfrenta dificuldades na Casa e aguarda a votação no Plenário, depois da aprovação do regime de urgência em julho. A matéria equipara o ódio ou a aversão às mulheres ao crime de racismo. Enquanto isso, a Proposta de Emenda à Constituição (PEC 32/15), que reduz a maioria penal de 18 para 16 anos no Brasil, foi aprovada em junho na Comissão de Constituição e Justiça por 44 x 18.

Para o cientista político Leandro Consentino, a composição majoritariamente de direita do Congresso pode ampliar o espaço de pautas conservadoras na próxima legislatura, especialmente, caso Flávio Bolsonaro seja eleito presidente. A avaliação é de que, além da força do Legislativo, o alinhamento com o Executivo poderá facilitar a tramitação de projetos que, atualmente, enfrentam resistência.

“Acho que, se confirmar a tendência de primeiro turno e tivermos, de fato, Flávio Bolsonaro eleito presidente, há uma possibilidade de grande tração desses projetos. Digo isso porque, apesar de o Congresso ser majoritariamente de direita, obviamente o Executivo tem uma função importante na organização da agenda. Com o apoio do Palácio do Planalto, acredito que boa parte dessas pautas deve ir adiante”, avalia.

Além disso, outro fator considerado decisivo, de acordo com Consentino, será a eleição das presidências da Câmara e do Senado. Os ocupantes dos cargos têm influência direta sobre a definição da pauta de votação e, por isso, podem determinar quais projetos avançarão no Congresso.

“Essa é uma parte importante da análise, porque são os presidentes das Casas que definem quais projetos serão pautados. Isso também vai depender dessa correlação de forças, que considero bastante favorável a um eventual novo presidente, dado que a maioria do Congresso eleito agora tem esse perfil de direita”, explicou.

Alta abstenção na votação fora do Brasil

» BEATRIZ VASCONCELOS*
» RAFAELA BOMFIM*

Mais de 300 mil eleitores compareceram às urnas fora do Brasil. A abstenção no exterior teve um aumento de aproximadamente 56,2% comparado às últimas eleições. Cerca de 560 mil pessoas não votaram, mesmo estando aptas a participar. Para votar, tinham que regularizar a localidade e demais pendências do título de eleitor até 6 de maio. Fora do país, pode-se votar apenas para presidente.

Nova Zelândia e Austrália foram os primeiros países a abrir as

urnas, às 16h de sábado, no horário de Brasília. Os últimos brasileiros a votar foram os que estão em São Francisco e Los Angeles, nos Estados Unidos, e em Vancouver, no Canadá. As urnas das cidades fecharam às 21h pelo horário de Brasília, quatro horas depois do encerramento da votação no Brasil.

Portugal é um dos maiores colégios eleitorais do Brasil no exterior, com 78.833 eleitores registrados. Maria Elisa Queiroz, de 18 anos, foi às urnas pela primeira vez no país europeu. A estudante, que mora em Praga, capital da Tchêquia, e contou que precisou se deslocar até a



Você podia ver as pessoas expressando a sua opinião política sem medo de serem julgadas”

Maria Elisa Queiróz, estudante e eleitora em Portugal

cidade do Porto para realizar a votação. Apesar da fila, disse que a seção estava organizada e tranquila.

“Você podia ver as pessoas expressando a sua opinião política sem medo de serem julgadas ou confrontadas”, relatou ao *Correio*.

Maria Elisa se disse emocionada ao acompanhar a mãe na votação e frisou que queria exercer o direito de eleger seus representantes. “Na primeira oportunidade que tive, me emocionei e foi incrível ouvir o barulho da urna”, disse, referindo-se

ao apitinho da urna eletrônica que sinaliza o fim da votação.

A estudante observa que “a gente continua sendo brasileiro mesmo morando fora e é muito importante a cuidar do nosso país e lutar pela democracia”. Maria Elisa ainda ressaltou a importância do voto feminino, uma vez que as mulheres são maioria na população brasileira.

A professora e brasileira Roberta Cavalcante, 48 anos, mora em Lisboa há um ano e dois meses. Ela explicou que três pessoas de sua residência estavam habilitadas a votar, mas apenas seu certificado foi aprovado pelo

Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Roberta votou na Reitoria da Universidade de Lisboa, local que atende o maior número de eleitores brasileiros em Portugal. E relatou que houve manifestações de apoio à reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e ao senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) — que, claro, a certo momento desbordaram para a troca de insultos entre apoiadores dos dois.

“O exercício da cidadania é um compromisso ético primordial mesmo a distância”, afirmou.

*Estagiárias sob supervisão de Fábio Grecchi